

## Referências bibliográficas

ALEXANDER, John. From The Petrine Era and After, 1682-1740. In: FREEZE, Gregory (Ed.). **Russia – A History**. Oxford: Oxford University Press, 1997. pp. 87-113.

ASCHER, Nelson. Posfácio. In: DOSTOIÉVSKI, F.: **Crime e castigo**. Coleção Leste Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. 5ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2007. 568p. s/p.

BASÍLIO, Astier. Renomado tradutor, Paulo Bezerra lança em JP “Os Irmãos Karamazov”. **Paraíba 1** – Portal do Jornal da Paraíba. João Pessoa, 31 jan. 2009. Cultura e lazer. Disponível em:

[http://www.paraiba1.com.br/Noticia/18664\\_RENOMADO+TRADUTOR+PAULO+BEZERRA+LANCA+EM+JP+&%238216+OS+IRMAOS+KARAMAZOV+%238217+.html](http://www.paraiba1.com.br/Noticia/18664_RENOMADO+TRADUTOR+PAULO+BEZERRA+LANCA+EM+JP+&%238216+OS+IRMAOS+KARAMAZOV+%238217+.html). Acesso em: 12 out. 2009.

BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish. Of colonies, cannibals and vernaculars. In: BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish (Eds.): **Post Colonial Translation: Theory and Practice**. London: Routledge, 1999. pp. 1-18.

BECKER, Elizamari. Literatura, tradução e ideologia em Monteiro Lobato. IN: **Tradução em Revista**. Organizadores: Marcia do Amaral Peixoto Martins – PUC – Rio e Maria Clara Castellões de Oliveira – UFJF. Revista da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, no. 5, 2008. Pp.1-17. Disponível em:

<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/12614/12614.PDFXXvmi=C6zHRnfEK7clF2PSmOnpsGQpNSiGkuvXC5FttV8f3lBJnqCLg1cKH4auWsbIZlgBOW5jTezXAbHZDkLTIXE32Pz0jLijtAUjw1DrgdpQo7Q2sCWOACSDrsDMeW6Jw1453IwjVXbl52ozFmogZiTrLxeIukK3mO8qxGLtEWQK0gkFDJWC2Q5OojPUFBX3q7tZNftsdkceBzUeiRRIJWa8h04XB2129u1XLur0QGeg9Iz1AVLx6TQ7ZOJ1PMblOa8>. Acesso em 25 mar. 2010.

BECKER, Elizamari Rodrigues. **Forças motrizes de uma contística pré-modernista**: o papel da tradução na obra ficcional de Monteiro Lobato. Porto Alegre, 2006. 183 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7650/000550655.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 mar. 2010.

BELKNAP, Robert. Introduction. In: DOSTOIEVSKY, F. **Demons**. Organização de Ronald Meyer. Tradução para o inglês de Robert A. Maguire. London: Penguin Books, 2008. pp. xi-xxix.

BEZERRA, Paulo. Tolstói contista. In: TOLSTÓI, L. **O diabo e outras histórias**. Tradução de Beatriz Morabito, Beatriz Ricci, Maira Pinto, André Pacheco. 4ª. Reimpressão, 2005. São Paulo: Cosac Naify, 2003. 284p. pp.7-26.

\_\_\_\_\_. Tradução com alma russa. Entrevista a Maria Verônica Aguilera. **O Globo on-line**. Rio de Janeiro, 17 mar. 2003. Disponível em <http://oglobo.globo.com/oglobo/Suplementos/ProsaeVerso/106356687.htm>. Acesso em: 15 jun. 2008<sup>42</sup>

\_\_\_\_\_. Traduzir é uma arte. Entrevista a Murilo Gontijo. **Boletim da UFMG on-line**. Belo Horizonte, n. 1440, Ano 30, 27 mai. 2004. Disponível em: <http://www.ufmg.br/boletim/bol1442/sexta.shtml>. Acesso em: 12 out.2009

\_\_\_\_\_. Tradução sem crimes. Entrevista a Gabriel Benamor. **Momento - Revista da Universidade Federal Fuminense**. Niterói, n. 154, junho 2006. p.8. Disponível em <http://www.noticias.uff.br/momento/2006/154/momentouff154.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2008.

\_\_\_\_\_. Os desafios da tradução direta. Entrevista a **Revista do Instituto Humanitas Unisinos on-line**. São Leopoldo, Edição 195, 11 set. 2006, p. 20. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161089798.39word.doc>. Acesso em: 12 out. 2009.

\_\_\_\_\_. Traduzir ou descrever. In: **Crime e castigo**. Coleção LESTE. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. 5ª. ed. São Paulo: 34, 2007. pp. 7-8.

BIRDWOOD-HEDGER, Maya. **Tension between Domestication and Foreignization in English-language Translations of Anna Karenina**. 2006. 291 f. Tese de Doutorado. Universidade de Edimburgo, Edimburgo

BLOOM, Harold. **The Western Canon: The Books and School of the Ages**. 1<sup>st</sup>. ed. New York: Harcourt Brace&Company, 1994. 548 p.

BLOSHTEYN, Maria. **Dostoevsky and the Literature of the American South**. Southern Literary Journal, Fall 2004, Vol. 37 Issue 1, 2004. 24 p. pp.1-24

\_\_\_\_\_. **The Making of a Counter-Culture Icon – Henry Miller’s Dostoevsky**. Toronto: University of Toronto Press, 2007.

BRAGA, Rubem. Este livro. In: **Contos russos: os clássicos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. pp. 9-10. Coordenação de Rubem Braga; prefácio de Aníbal Machado; notas biográficas de Valdemar Cavalcanti; supervisão de Graciliano Ramos.

BRIGGS, Anthony. Introduction. In: TOLSTOY, L.: **War and Peace**. Tradução para o inglês de Anthony Briggs. London: Penguin Books, 2007. 1399 p. pp. xiii-xx.

<sup>42</sup> Acesso exclusivo a assinantes do jornal.

BRIGGS, Anthony. Translator's Note. In: TOLSTOY, L.: **War and Peace**. Tradução para o inglês de Anthony Briggs. London: Penguin Books, 2007. 1399 p. pp. xxi-xxv.

BROCA, Brito. Dostoiévski e "O Idiota". In: DOSTOIÉVSKI, F. **O Idiota**. Tradução de José Geraldo Vieira. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962. pp. xi-xxi.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 12.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: **Antologia do Conto Russo**. Vol. II. M.I. Liérmontov, I.S. Turguiêniev, A.F. Píssemski, F.M. Dostoiévski. Tradução de Fernando Lacerda, Ary de Andrade, Ruy Lemos de Brito, Ouvar Davet, Samuel Penna Reis, Leontina Vassílieva, Zinaide Zilberman, Vera Newerova, Boris Weinberg, Coordenação literária: Vera Newerowa e Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro: Lux, 1961b.

\_\_\_\_\_. Dostoiévski como poeta. In: DOSTOIÉVSKI, F.M. **Humilhados e Ofendidos**. Tradução de Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962. pp. xi-xix.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: **Antologia do Conto Russo**. Vol. V. Mámin – Sibiriák, D.N. , Koroliênko, V.G., Gárchin, V.M. Tradução de Boris Weinberg, Silva Ramos, Maud Lacerda, Lourival Coutinho, Vladimir Máلكin, Ouvar Davet, Anna Weinberg, Zenaide Zilberman, Ary de Andrade, Antônio Baptista Luz, Ruy Lemos de Brito. Coordenação literária: Vera Newerowa e Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro: Lux, 1962a.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: **Antologia do Conto Russo**. Vol. VI. Tchékhev, A. P. Tradução de Leontina Vassíliev, Sérgio M. S. Carregal, Teodoro de Villon, Achilles Brêtas, Renard Perez, Zinaide Zilberman, Afonso Felix de Souza, Ana Weinberg, Ary de Andrade, Ouvar Davet, Ruy Lemos de Brito, Oleg Uchkov, James Amado, Vera Newerowa. Coordenação literária: Vera Newerowa e Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro: Editora Lux, 1962b.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: **Antologia do Conto Russo**. Vol. VII. Górkí, M. Tradução de Roberto Tâmara, James Amado, Vera Newerowa, Jacob Horowicz, Boris Schnaiderman, Ana Weinberg, Ouvar Davet, Boris Weinberg. Coordenação literária: Vera Newerowa e Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro: Lux, 1962c.

CHAMBERLAIN Jr., John L. Notes on Russian Influences on the Nineteenth Century French Novel. In: **The Modern Language Journal**, Vol. 33, No. 5, May, 1949, pp. 374-383.

CLÁSSICOS da literatura russa ganham nova tradução. **O Estado de S. Paulo on-line**, 19 jul. 2004. Disponível em:

<http://www.estadao.com.br/arquivo/artelazer/2004/not20040719p4640.htm>.

Acesso em: 17 ago. 2008.

COUTINHO, Carlos N. Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sônia (org.). **Graciliano Ramos**. Coleção Fortuna crítica, vol. 2. Direção: Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1977. pp. 73-122.

CORNWELL, Neil. Introduction: Russian Literature – The First Thousand Years. In: CORNWELL, Neil (Ed.). **The Routledge Companion to Russian Literature**. London: Routledge, 2002. pp. 1-11.

DOSTOÏEVSKI, F.M. **L’Idiot**. Coleção “Les Classiques Russes”. Tradução e anotações: Albert Mousset. Paris: Gallimard, 1939.

DOSTOÏEVSKI, F.M. **Humilhados e ofendidos**. Coleção Fogos cruzados, 44: Coleção obras completas de F.M. Dostoiévski. Tradução de Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944.

\_\_\_\_\_. **Humilhados e ofendidos** (Edição com **Um jogador**). Tradução de Rachel de Queiroz. Coleção obras completas (ficção) e ilustradas de F.M. Dostoiévski. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962. 477 p.

\_\_\_\_\_. **Um jogador** (Edição com **Humilhados e ofendidos**). Tradução de Boris Schnaiderman. Coleção obras completas (ficção) e ilustradas de F.M. Dostoiévski. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962. 477 p.

\_\_\_\_\_. **O Idiota**. Coleção obras completas (ficção) e ilustradas de F.M. Dostoiévski. Tradução de José Geraldo Vieira. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962. 628 p.

\_\_\_\_\_. **Humilhados e Ofendidos**. Romance em quatro partes com epílogo. Tradução de Klara Gourianova. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

\_\_\_\_\_. **Crime e castigo**. Coleção LESTE. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. 5ª. ed. São Paulo: 34, 2007. 568 p.

DOSTOYEVSKY, F. Demons. In: DOSTOYEVSKY, F. **Demons**. Organização de Ronald Meyer. Tradução para o inglês de Robert A. Maguire. Introdução de Robert Belknap. London: Penguin Books, 2008. 842 p.

EDITORA 34. Desenvolvido pela Editora 34 para apresentar a empresa e divulgar seu catálogo e lançamentos. Disponível em <http://www.editora34.com.br/>. Acesso em: 30 dez. 2009.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Theory (Revised). In: **Papers in Culture Research**. Tel Aviv: Porter Chair of Semiotics, 2005. Disponível em <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/papers/-revised.pdf>. Acesso em: 10 mar.2008.

\_\_\_\_\_. The Position of Translated Literature in the Literary Polysystem. **Poetics Today** vol. 11, n.1, 1990. pp. 45-52. Disponível em <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990.pdf>. Acesso em: 10 mar.2008.

FIGUEIREDO, Rubens. **Rubens Figueiredo comenta sua tradução de Anna Kariênina em entrevista a Julia Bussius**. Disponível em:

[http://www.cosacnaify.com.br/noticias/rubens\\_entrevista.asp](http://www.cosacnaify.com.br/noticias/rubens_entrevista.asp).

Acesso em: 16 jun. 2008.<sup>43</sup>

FRANK, Joseph. **Dostoevsky: The Seeds of Revolt, 1821-1849**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1979. 401p.

\_\_\_\_\_. **Through the Russian Prism**. Essays on Literature and Culture. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1990. 237 p.

\_\_\_\_\_. A confluência da literatura com a filosofia. Entrevista a **Revista do Instituto Humanitas Unisinos on-line**. São Leopoldo, Edição 195, 11 set. 2006, p.6. Disponível em:

<http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161089798.39word.doc>.

Acesso em: 12 out. 2009.

\_\_\_\_\_. O Senhor Dostoiévski. Entrevista a Aurora Bernardini. **Folha de S. Paulo on-line**. São Paulo, domingo, 13 jan. 2008. Caderno + Mais! Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1301200809.htm>.<sup>44</sup>

Acesso em: 20 nov.2008.

GENETTE, Gérard. **Palimpsests: Literature in Second Degree**. Tradução para o inglês de Channa Newman e Claude Doubinsky. Lincoln: University of Nebraska Press, 1997a.

\_\_\_\_\_. **Paratexts: Thresholds of Interpretation**. Tradução para o inglês de Jane E. Lewin. Cambridge: Cambridge University Press, 1997b.

GENTZLER, Edwin; TYMOCZKO, Maria. Introduction. In: **Translation and Power**. Amherst/Boston: University of Massachusetts Press, 2002. pp. xii-xxviii.

GODINHO, Renato D. Enfim um Dostoiévski Brazuca. **Super Interessante on-line**, ed. 169, outubro 2001. Disponível em:

<http://super.abril.com.br/tecnologia/enfim-Dostoiévski-brazuca-442423.shtml>.

Acesso em: 14 set. 2008.

GOMIDE, Bruno. **Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887–1936)**. Campinas, 2004. 702 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudo da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em:

<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000328892>.

Acesso em: 13 mar. 2008.<sup>45</sup>

\_\_\_\_\_. Sobre Augusto Meyer e Dostoiévski. In: **Revista Letras**, n. 66, maio/ago. Curitiba: UFPR, 2005. pp. 31- 44. 2005a. Disponível em:

[http://www.letras.ufpr.br/documentos/pdf\\_revistas/bruno.pdf](http://www.letras.ufpr.br/documentos/pdf_revistas/bruno.pdf).

<sup>43</sup> Link desativado, página retirada do site da editora. Ver em Anexos.

<sup>44</sup> Acesso somente a assinantes. Ver em Anexos.

<sup>45</sup> Requer cadastramento gratuito para fazer o download.

Acesso em: 15 mar.2008. 2005a.

\_\_\_\_\_. Febre russa: a chegada de uma literatura arrebatadora. In: **Revista Ciência Hoje**. Vol. 40, no. 236. abr. 2007. pp. 28-31. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/revista-ch-2007/236/febre-russa-a-chegada-de-uma-literatura/>. Acesso em: 01 out.2008.

GREENWOOD, E.B. Introduction. IN: TOLSTOY, L. **Anna Karenina**. Tradução para o inglês de Louise & Aylmer Maude. Introdução e Notas de E. B. Greenwood. London: Wordsworth, 1999. 813p. pp. vii-xx.

GUERRA E PAZ ganha nova edição no Brasil. **O Estado de S. Paulo on-line**, São Paulo, 7 jun. 2002. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2002/not20020607p2396.htm>. Acesso em: 17 ago.2008. 2002a.

HERMANS, Theo. Translation Studies and a New Paradigm. In: HERMANS, Theo (org.). **The Manipulation of Literature: Studies in literary translation**. London: Croom Helm, 1985. pp. 7-15.

HOLMES, James S. The Name and Nature of Translation Studies. In: **Translated Papers on Literary Translation and Translation Studies**. Amsterdam: Rodopi, 1988. pp. 66-80.

JONES, Malcolm. Lost in Translation. In: **Newsweek**. Washington, 15 out. 2007. Disponível em: <http://www.newsweek.com/id/42451>. Acesso em: 12 abr. 2008.

JONES, W.G. Russian Literature in the eighteenth century. In: CORNWELL, Neil (Ed.). **The Routledge Companion to Russian Literature**. London: Routledge, 2002. pp. 25-35.

LEDKOVSKY, Marina. **A Linguistic Bridge to Orthodoxy**. In Memoriam Isabel Florence Hapgood. A lecture delivered at the Twelfth Annual Russian Orthodox Musicians Conference, 7-11 October 1998, Washington, D.C. pp. 4-8. Disponível em: <http://anglicanhistory.org/women/hapgood/ledkovsky.pdf>. Acesso em: 30 dez.2009

LEFEVERE, André. **Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame**. London: Routledge, 1992.

\_\_\_\_\_. Introduction: Comparative literature and translation. In: **Comparative Literature**. Oregon: University of Oregon, vol. 47, n.1, Winter 1995. pp. 1-10.

\_\_\_\_\_. Composing the other. In: BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish (Eds.). **Post Colonial Translation: Theory and Practice**. London: Routledge, 1999. pp. 75-94.

LITTERATURE RUSSE. Disponível em: <http://www.litteraturerusse.net/biographie/Dostoiévski-fedor.php>. Acesso em: 20 set. 2009.

LITTERATURE RUSSE. Disponível em:

<<http://www.litteraturerusse.net/biographie/Tolstói-leon.php>>. Acesso em: 20 set.2009.

LUTHER, Martin. Prefácio. In: **An Open Letter on Translation**. Tradução para o inglês de Gary Mann. Revisão e anotações: Michael D. Marlowe, June 2003. Disponível em: <http://www.bible-researcher.com/luther01.html>. Acesso em: 26 set. 2008.

MAIA, João Marcelo Ehlert. A Rússia americana. In: **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 20, n. 2, maio/ago. 2005. pp. 427-450. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922005000200008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922005000200008&script=sci_arttext). Acesso em: 30 ago.2008.

MARTIN, Janet. From Kiev to Muscovy. In: FREEZE, Gregory (Ed.). **Russia – A History**. Oxford: Oxford University Press, 1997. pp. 1-26.

MARTINS, Marcia A.P. **A instrumentalidade do modelo descritivo para a análise de traduções: o caso dos Hamlets brasileiros**. 1999. 324 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Descriptive Translation Studies: uma revisão crítica. In: **Gragoatá**. Número 13. Niterói: UFF, 2002. p. 33-52.

MENDES, Oscar. Introdução. IN: TOLSTÓI, L. **Guerra e paz**. Vols. I e II. Tradução e introdução: Oscar Mendes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1968. pp. 7-15.

MILLNER-GULLAND, Robin. Old Russian Literature and Its Heritage. In: CORNWELL, Neil (Ed.). **The Routledge Companion to Russian Literature**. London: Routledge, 2002. pp. 12 – 24.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**. 2ª. edição, revista. São Paulo: Melhoramentos, 1968. Pp. 149-150.

MORAES, A.; GUIMARÃES NETO, E. Novo chamariz, tradução direta deixa de ser luxo e vira exigência . **Folha de S. Paulo on-line**. São Paulo, domingo, 13 jan. 2008. Caderno + Mais! Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u362961.shtml>. Acesso em 20 nov. 2008.

MOSER, Charles (Ed.). **The Cambridge History of Russian Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. 699p.

MOUSSET, Albert. Préface. In: DOSTOÏEVSKI, F. L’Idiot. Coleção “Les Classiques Russes”. Tradução e anotações de Albert Mousset. Paris: Gallimard, 1939. pp. 7-14.

MUGGIATI, Roberto. Na selva do dinheiro. In: **Revista do Livro da Fundação Biblioteca Nacional**. Número 45, Ano 14, out. 2002. Rio de Janeiro. pp. 96-97.

NEVES, J.L. da Costa. Dostoiévski jogador. In: DOSTOIÉVSKI, F.M. **Um jogador** (Edição com **Humilhados e ofendidos**). Tradução: Boris Schnaiderman. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962. pp.334-337.

OLIVEIRA, Maria Clara C. de. Entrelaçamento de tradução e história no contexto brasileiro. In: **Revista do Ipotesi**. Juiz de Fora, v. 10, n. 1, n. 2, jan/jun, jul/dez 2006. pp. 167 – 177. Disponível em:  
<http://www.revistaiptesi.ufjf.br/volumes/16/15.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2008.

Oprah Winfrey transforma Tolstói em best-seller. **O Estado de S. Paulo on-line**. São Paulo, Terça-feira, 13 de Julho de 2004. Disponível em:  
<http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2004/not20040713p4633.htm>. Acesso em: 15 mai. 2008.

PAVAM, Rosane. Luzes e letras. **Carta Capital on-line** São Paulo, 9 mai.2008. Seção Cultura. Disponível em:  
<http://www.cartacapital.com.br/app/materia.jsp?a=2&a2=10&i=871>. Acesso em 20 dez.2008.

PESCADA, António. Fazer uma boa tradução é como marcar um golo. Entrevista do tradutor português António Pescada a Isabel Lucas. **Diário de Notícias on-line**, Lisboa, 27 dez. 2006. Disponível em:  
[http://dn.sapo.pt/2006/12/27/artes/fazer\\_boa\\_traducao\\_e\\_como\\_marcar\\_gol.html](http://dn.sapo.pt/2006/12/27/artes/fazer_boa_traducao_e_como_marcar_gol.html). Acesso em: 15 nov.2008.

PEVEAR, Richard. Tolstoy's Transparent Sounds. **The New York Times on-line**, New York, Oct. 14, 2007. Disponível em:  
<http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=9B07EEDA163CF937A25753C1A9619C8B63>. Acesso em: 15 jun.2008.

PINTO, Manuel da C. As duas faces do romance russo. **Folha de S. Paulo on-line**, São Paulo, 17 dez. 2002. Disponível em  
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u246.shtml>. Acesso em: 16 ago. 2008.

PONTES, Mário. Tradução revela Dostoiévski menos castiço. **Jornal do Brasil on-line**, Rio de Janeiro, 08 mar. 2003. Caderno Ideias. Disponível em:  
<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cadernos/ideias/2003/03/07/joride20030307010.html>. Acesso em: 25 ago.2008.

PROTOPOPOVA, Darya. Virginia Woolf's Versions of Russia. In: **Postgraduate English**. March 2006, No. 13. Durham University. 28 p. Disponível em  
<http://www.dur.ac.uk/postgraduate.english/DaryaProtopopovaArticle.pdf>. Acesso em: 25 jun.2009.

REMNICK, David. The Translation Wars. In: **The New Yorker on-line**, New York, 07 nov. 2005. Disponível em:  
[http://www.newyorker.com/archive/2005/11/07/051107fa\\_fact\\_remnick?currentPage=all](http://www.newyorker.com/archive/2005/11/07/051107fa_fact_remnick?currentPage=all). Acesso em: 30 dez.2009.

SCHNAIDERMAN, Boris. O artesão desmedido. Entrevista a Caio Liudvik. **Folha de S. Paulo on-line**, São Paulo, domingo, 13 jan. 2008. Caderno + Mais!. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1301200810.htm>. Acesso em: 13 jan.2008.<sup>46</sup> 2008a.

\_\_\_\_\_. O ato desmedido. Palestra proferida no espaço **SESC** – Copacabana, Rio de Janeiro, em 23 abr. 2008. 2008b.

\_\_\_\_\_. Boris Schnaiderman: Guerra e paz com Dostoiévski. Entrevista a Cláudio Leal e Thais Bilenky. **Terra Magazine on-line**, Porto Alegre, 25 jun.2008. Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI2969658-EI6581,00.html>. Acesso em: 03 jun.2009. 2008c.

\_\_\_\_\_. Boris Schnaiderman: Guerra e paz com Dostoiévski. Entrevista a Cláudio Leal e Thais Bilenky. **Terra Magazine on-line**, Porto Alegre, 25 jun.2008. Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI2969841-EI6581,00.html>. Acesso em: 03 jun.2009. 2008d.

SHUTTLEWORTH, Mark. Polysystem theory. In: SHUTTLEWORTH, Mark; COWIE, Moira (orgs.). **Dictionary of Translation Studies**. Manchester: St Jerome, 1997. pp. 176-179.

SIMMONS, Ernest. **Introduction to Russian Realism**. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 1965. 275 p.

SIMMONS, Ernest. **Introduction to Tolstoy's Writings**. Chicago: The University of Chicago Press, 1968. 219 p.

STAVANS, Ilan. The Original Language. In: **Translation Review**. Ns. 48-49. 1995. pp.33-34.

THIRLWELL, Adam. A masterpiece in miniature. **The Guardian on-line**, Saturday, 8 Oct. 2005. Culture / Books. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/books/2005/oct/08/classics.leonikolaevichtolstoy>. Acesso em 30 dez.2009.

TOLSTÓI, L. **Guerra e paz**. Vols. I e II. Tradução e introdução: Oscar Mendes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1968. pp. 7-15.

TOLSTÓI, Leão. **Ana Karênina**. Tradução de João Gaspar Simões. Coleção Os imortais da literatura universal. São Paulo: Abril Cultural, 1971, pp. 540-541.

TOLSTÓI, L. **O diabo e outras histórias**. 4ª. Reimpressão. Tradução de Beatriz Morabito, Beatriz Ricci, Maira Pinto, André Pacheco. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

TOLSTÓI, Leão. **Anna Kariênina**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2009, pp. 574-575.

<sup>46</sup> Link exclusivo para assinantes da Folha. Ver em Anexos.

TOLSTOY, L. **Anna Karenina**. Tradução para o inglês de Louise & Aylmer Maude. Introdução e Notas de E. B. Greenwood. London: Wordsworth, 1999. 813p.

TOLSTOY, Leo. **War and Peace**. Tradução para o inglês de Anthony Briggs. London: Penguin Books, 2007. 1399 p.

TOURY, G. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

UNICAMP. **Richard Francis Burton**. Disponível em:

[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_b\\_richard\\_francis\\_burton.htm](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_richard_francis_burton.htm). Acesso em: 30 dez.2009.

VAN HOOFF, H. La traduction au pays des tsars et des soviets. In: **Histoire de la traduction en Occident**. Coleção Bibliothèque de linguistique. Paris: Duculot, 1991. pp. 341-355.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Garnier, 1901-1907; Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/livros\\_eletronicos/histlitbras.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/histlitbras.pdf). Acesso em 17 ago.2008.<sup>47</sup>

VIEIRA, Else R. P. A interação do texto traduzido com o sistema receptor: a teoria dos polissistemas. In: VIEIRA, Else R. P. (org.). **Teorizando e contextualizando a tradução**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 124-137. 1996b.

WHITTAKER, Robert. The Tolstoy Archival and Manuscript. In: **Project Tolstoy Studies Journal** – vol 1, 1988, pp. 61-65. Disponível em: <http://www.utoronto.ca/tolstoy/vol1/pages%2061%20-%2065%20in%20exchange%20end%20volume%201.pdf>. Acesso em: 27 dez.2009

WHITTAKER, Robert. Tolstoy's American translator: letters to Isabel Hapgood, 1888-1903. (Russian author Leo Tolstoy). In: **Tri Quartely**. March 22, 1998. Disponível em: <http://www.highbeam.com/doc/1G1-21107756.html#mlt>

WOOLF, Virginia. The Russian Point of View. In: **The Common Reader**. London: The Hogarth Press, 1925. (s.p.). Disponível em: <http://ebooks.adelaide.edu.au/w/woolf/virginia/w91c/complete.html>. Acesso em 12 dez.2008.<sup>48</sup>

<sup>47</sup> Obra publicada em 1901 – 1907, digitalizada e colocada à disposição do público pela Fundação Biblioteca Nacional.

<sup>48</sup> Obra disponível na internet, sem paginação.

## 7

**Bibliografia suplementar**

AVSEY, Ignat. Translator's Note. In: DOSTOEVSKY, F. **Humiliated and Insulted**. Tradução para o inglês de Ignat Avsey. Richmond, Surrey: One World Classics, 2008. pp. 388-391.

BAKER, Mona. Linguística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução? In: MARTINS, Marcia A.P. (org.): **Tradução e Interdisciplinaridade**. Tradução de Marcia A. P. Martins e Patrícia Broers-Lehmann. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999. pp. 15-31.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 7ª. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. 316p.

BERNARDINI, Aurora. Gógol, o pregador do feudalismo. **O Estado de S. Paulo on-line**, São Paulo, 16 mar. 2008. Caderno 2. Disponível em: [http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20080316/not\\_imp140972.0.php](http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20080316/not_imp140972.0.php). Acesso em: 20 set. 2008.

BESSA-LUÍS, Agustina. Dostoiévski e a peste emocional. In: **Revista Colóquio/Letras**, n.º 61, Maio 1981, p. 12-22. Disponível em: <http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=61&p=12&o=p>. Acesso em: 15 jun. 2008.

BETANCUR, Paulo. O escritor urso e o homem febril. **O Estado de S. Paulo on-line**, São Paulo, 25 nov. 2007. Caderno 2. Disponível em: [http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20071125/not\\_imp85143.0.php](http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20071125/not_imp85143.0.php). Acesso em: 15 jun.2008.

BEZERRA, Paulo. Paulo Bezerra e sua tradução premiada. Entrevista por e-mail a Linaldo Guedes. **Blog Zumbi escutando blues**. João Pessoa. 14 jan. 2009. Disponível em: [http://linaldoguedes.blog.uol.com.br/arch2009-01-01\\_2009-01-31.html](http://linaldoguedes.blog.uol.com.br/arch2009-01-01_2009-01-31.html). Acesso em: 29 out.2009.

BRISSET, Annie. **The Search for a Native Language**: Translation And Cultural Identity. In: VENUTI, L.; BAKER, M. (Eds.). *The Translation Studies Reader*. New York: Routledge, 2000. pp. 343-375.

CAROLINSKI, Flávia Cristina Moino. **Aleksandr Nikoláevitch Afanássiev e o conto popular russo**. 2008. 179 f. Dissertação (Mestrado em literatura e cultura russa ). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-12092008-170622/>. Acesso em: 12 fev. 2009.

CARVALHO, Carolina Alfaro de. **A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor**. 2005. 160 f. Dissertação (Mestrado em Letras).

Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em [http://www.scribatraducoes.com.br/files/CarolinaAlfaroCarvalho\\_2005\\_TraducaoParaLegendas\\_Dissertacao.pdf](http://www.scribatraducoes.com.br/files/CarolinaAlfaroCarvalho_2005_TraducaoParaLegendas_Dissertacao.pdf). Acesso em: 27 dez. 2009.

CARPEAUX, Otto M. Ana Karenina. In: TOLSTÓI, L. **Ana Karenina**. Tradução de Lúcio Cardoso. Clássicos de bolso. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d., s.p.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: **Antologia do Conto Russo**. Vol. I. Púchkin, A.S., Gógol, N. V. Tradução de Leontina Vassilieva, Renard Perez, Natália Filipov, Zinaida Zilberman, Achilles Bretas, Ary de Andrade. Coordenação literária: Vera Newerowa e Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro: Lux, 1961a.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: **Antologia do Conto Russo**. Vol. VIII. Kuprín, A. I., Sologúb, F., Andréiev, L. N., Vieriessáiev, V.V. Tradução de Margarita Rodiónova Paim, Leontina Vassiliev, Renard Perez, Zinaida Zilberman, Ana Weinberg, Ary de Andrade, Ouvar Davet. Coordenação literária: Vera Newerowa e Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro: Lux, 1962d..

\_\_\_\_\_. Introdução. In: **Antologia do Conto Russo**. Vol. IX. Riémisov, A.M., Artsibáchev, M. P., Búnin, I.A., Ehrenburg, I.G., Chêinin, L.R., Tolstói, A.N., Fiédin, K.A., Bábiel, I.E., Chólokhov, M.A., Paustóvski, K.G. Tradução de Boris Schnaiderman, G. Grávin, Lourival Coutinho, Ruy Lemos de Brito, Teodor de Villon, Boris Weinberg, James Amado, Achilles Brêtas, Vera Newerowa, Jacob Horowicz, Margarita Rodiónova Paim, Ouvar Davet. Coordenação literária: Vera Newerowa e Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro: Lux, 1962e.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: DOSTOIÉVSKI, F. **Humilhados e Ofendidos**. Tradução de Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944. pp. I-IX. (Coleção Fogos Cruzados, vol. 44. Obras completas de Dostoeiévski).

CATFORD, J.C. Translation Shifts. In: VENUTI, L.; BAKER, M. (Eds.). **The Translation Studies Reader**. New York: Routledge, 2000. pp. 141-147.

CAVALIERE, Arlete et alli (org.). **Caderno de literatura e cultura russa**. No.2. Departamento de Letras Orientais – FFLCH – USP. São Paulo: Ateliê editorial, maio 2008. 399 p.

CHULKOV, Georgy. Dostoevsky's Technique of Writing. In: GIBIAN, George. **Crime and Punishment**. A Norton Critical Edition. 3<sup>rd</sup>. Edition. Tradução para o inglês de Jesse Coulson Senior. New York: W.W. Norton & Company, 1989. pp. 494-500.

CURVELLO, Aricey. Um escritor maldito. In: **Jornal da UBE**. Número 104, agosto de 2003, pg. 24.

DOSTOEVSKY, F. Crime and Punishment. In: GIBIAN, George (Ed.). **Crime and Punishment**. A Norton Critical Edition, 3<sup>rd</sup>. ed. Tradução para o inglês: Jesse Coulson Senior. New York /London: W.W. Norton & Company, 1989. pp. 1- 465.

DOSTOEVSKY, F. **Crime and Punishment**. Tradução para o inglês de Constance Garnett. Introdução e notas de Keith Carabine. London: Wordsworth, 2000. 485 p.

FRANK, Joseph. **Dostoevsky**. The Years of Ordeal, 1850-1859. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1983. 320 p.

GOMES, Maria Lúcia Santos Daflon. **Identidades refletidas: um estudo sobre a imagem da literatura brasileira refletida pela tradução**. 2005. 166 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GOMIDE, Bruno. Clóvis Bevilacqua e o romance russo: entre naturalismo superior e emancipação literária. In: **Revista Inventário**. 4<sup>a</sup>. ed., jul. 2005. Disponível em:  
<http://www.inventario.ufba.br/04/04bgomide.htm>. Acesso em: 18 set. 2008.

KOSKINEM, Kaisa, PALOPOSKI, Outi. Retranslations in the Age of Digital Reproduction. In: **Cadernos de Tradução XI** - Tradução, retradução e adaptação. Vol. 1, No. 11 (2003). pp. 19-38. Disponível em:  
<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6175/5730>.  
 Acesso em: 12 fev.2009.

LAMBERT, José; VAN GORP, Hendrik. On Describing Translations. In: HERMANS, Theo (org.). **The Manipulation of Literature: Studies in literary translation**. London: Croom Helm, 1985. pp.42-53.

LEFEVERE, André; BASSNETT, Susan. Proust's Grandmother and the Thousand and One Nights: The 'Cultural Turn' in Translation Studies. In: BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André (orgs.). **Translation, History and Culture**. London: Pinter, 1990. pp.1-13.

LINCOLN, W. Bruce. **Between Heaven and Hell**. The story of a thousand years of artistic life in Russia. New York: Penguin Putnam, 1988. 511 p.

LUCAS, Fábio. A volta de Rosário Fusco. In: **Jornal da UBE**. Número 104, ago. 2003, p. 24.

MARTINS, Wilson. **A Crítica Literária no Brasil**. Vol I – 1724 – 1939. 2<sup>a</sup>. Edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. pp. 414-415.

MORAES, Denis. **O Velho Graça**. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1992.

MOSER, Charles (Ed.). **The Cambridge History of Russian Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. 699p.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies: Theories and Applications**. London: Routledge, 2001.

NAVROZOV, Andrei. Dostoyevsky, With All the Music. **The New York Times on-line**. New York, 11 nov. 1990. Disponível em:

<http://www.nytimes.com/1990/11/11/books/dostoyevsky-with-all-the-music.html?scp=4&sq=Constance%20Garnett&st=cse>. Acesso em: 16 ago. 2008.

O príncipe ético de Dostoiévski. **O Estado de S. Paulo on-line**, São Paulo, 3 jan. 2003. Disponível em:

<http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2003/not20030103p121.htm>.

Acesso em: 17 ago. 2008.

ORIGEM de "As Mil e uma Noites" cria polêmica entre cientistas. **Folha de S. Paulo on-line**. São Paulo, 8 out. 2004. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u47768.shtml>.

Acesso em: 20 set. 2007

PASCAL, Pierre. Introduction. In: TOLSTOÏ, Léon. **La Guerre et la Paix**. Vol.I. Tradução para o francês: Henri Mongault. Paris: Gallimard, 1945. pp. vii-xxiv.

PORTELLA, Eduardo et alli. **Teoria Literária**. Biblioteca Tempo Universitário, vol.42. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976. pp. 40-41.

SAI nova edição do folhetim de Dostoiévski. **O Estado de S. Paulo on-line**, São Paulo, 22 set. 2002. Disponível em:

<http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2002/not20020922p2583.htm>

Acesso em: 17. Ago.2008. 2002b.

SCHNAIDERMAN, Boris. Prefácio In: **Teoria da literatura: formalistas russos**. Organização, apresentação e apêndice de Dionísio de Oliveira Toledo. Tradução de Ana Maria Ribeiro, Maria Aparecida Pereira, Regina L. Zilberman e Antonio Carlos Hohlfeldt. Porto Alegre: Editora Globo, 1971. pp. ix-xxii.

\_\_\_\_\_. Um jovem sábio de oitenta anos. Entrevista a Marcelo Backes. **Zero Hora**, Porto Alegre, 13 set. 1997. Caderno Cultura.

\_\_\_\_\_. Sem ousadia não há bom tradutor. Entrevista a Marlova Asef. **Zero Hora**, Porto Alegre e **Diário Catarinense**, Florianópolis. 27 mar. 2004. Cadernos de Cultura. Disponível em:

[http://marlovaaseff.blogspot.com/2005\\_11\\_01\\_archive.html](http://marlovaaseff.blogspot.com/2005_11_01_archive.html).

Acesso em: 15 jun. 2008.

SILVA, Deonísio. A redenção pela palavra: leitura de um conto de Dostoiévski. In: **Revista do Livro da Fundação Biblioteca Nacional**. Número 45, Ano 14, Out. 2002. Rio de Janeiro. pp. 173-178.

STEINER, George. **After Babel**. Aspects of Language and Translation. Oxford: Oxford University Press, 1975. pp. 236-239.

TCHECOV, A. Contos. In: **Clássicos Jackson**, vol XXXVII. Tradução de Costa Neves. Seleção. Prefácio de Henrique de Campos. São Paulo: W.M.Jackson, 1950.

TITAN JR., Samuel. O que quer de mim esta música? **O Estado de S. Paulo** *online*, São Paulo, 06 jan. 2008. Caderno 2. Disponível em: [http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20080106/not\\_imp104824.0.php](http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20080106/not_imp104824.0.php). Acesso em 14 ago.2008.

TOLSTÓI, L. **Obra completa**. Vols. I, II e III. Tradução de Natália Nunes, João Gaspar Simões, Lygia Azevedo, Oscar Mendes, Milton Amado. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961.

\_\_\_\_\_. **Ressureição**. Coleção “Livro amigo”, sem indicação de tradução. Direitos literários gentilmente cedidos pela Cia. José Aguilar Editora. Rio de Janeiro: Bruguera. S/data.

\_\_\_\_\_. **Ressureição**. Clássicos de Ouro, com direitos cedidos pela Livraria Martins Fontes. Tradução de Ilza das Neves e Heloísa Penteado. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1968.

\_\_\_\_\_. **A Felicidade conjugal / Os dezembristas**. Tradução e prefácio de João Gaspar Simões. Biblioteca Acádia de bolso. Lisboa: Acádia, s/d.

\_\_\_\_\_. **Diários íntimos**. Tradução de Frederico dos Reis Coutinho. Rio de Janeiro: Vecchi, 1943.

TOLSTÓI, L. N. **Guerra e paz**. Vols. I e II. Tradução de Lucinda Martins. Rio de Janeiro: Lux, 1960.

TOLSTOÏ, Léon. **La Guerre et la Paix**. Vols. I e II. Collection Les Classiques Russes Tradução para o francês de Henri Mongault. Paris: Gallimard, 1945. pp. 1397-1432.

TOURY, G. What are descriptive studies into translation likely to yield apart from isolated descriptions? In: **Translation Studies: the state of the art** — proceedings of the First James S Holmes Symposium on Translation Studies. K. M. LeuvenZwart & T. Naaijken (eds.), Amsterdam-Atlanta: Rodopi, 1991. pp. 179-192.

TYMOCZKO, Maria.: The metonymics of translating marginalized texts. In: **Comparative Literature**. 47:1, Winter 1995. Eugene: Univ. of Oregon, 1995. pp.11-24.

UOL. Nova tradução de "As Mil e Uma Noites" revela faceta diferente da obra. 02 jan. 2008. **UOL Entretenimento**. Últimas notícias. Disponível em: <http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/efe/2008/01/02/ult1817u7530.jhtm>. Acesso em 14 dez. 2009.

VENUTI, Lawrence. Translation, Community, Utopia. In: **The Translation Studies Reader**. New York: Routledge, 2000. pp. 468-488.

VIEIRA, Else R. P. Contextualizando a tradução: introdução. In: VIEIRA, Else R. P. (org.). **Teorizando e contextualizando a tradução**. Belo Horizonte: Faculdade

de Letras da UFMG, Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 105-108. 1996a.

WEBSTER'S Encyclopedic Unabridged Dictionary. New Jersey: Gramercy Books, 1994.

WELLEK, René (Ed.). **Dostoevsky**. A Collection of Critical Essays. 24a. edição. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall, Inc. 1962.

WIKIPEDIA. Transliteração. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Translitera%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 30 ago.2009.

WIKIPEDIA. Transliteração de russo para português. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Translitera%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_russo\\_para\\_portugu%C3%AAs](http://pt.wikipedia.org/wiki/Translitera%C3%A7%C3%A3o_de_russo_para_portugu%C3%AAs). Acesso em 30 ago.2009.

## 8

**Anexos****Anexo A - Rubens Figueiredo comenta sua tradução de Anna Kariênina em entrevista a Julia Bussius, para o site da Editora Cosac Naify**

O clássico da literatura universal *Anna Kariênina*, de Liév Tolstói, foi traduzido diretamente do russo por Rubens Figueiredo para a Cosac Naify. Além do apuro no tratamento linguístico, com aproximações à prosódia do russo, o volume traz apresentação e notas de rodapé assinados pelo tradutor, uma árvore genealógica dos principais núcleos familiares e ainda uma lista completa de personagens, que muito enriquecem a leitura do monumental romance. Considerado um dos principais tradutores da língua russa para o português, Rubens Figueiredo é também contista e romancista - seu livro mais recente, *Barco a seco* [Companhia das Letras, 2001], recebeu o prêmio Jabuti em 2002 -, professor de português e teoria literária e editor da revista de prosa *Ficções*. Em parceria com esta editora, já elaborou traduções de Tchekhov e Turguêniev e possui novos projetos em andamento. Na entrevista a seguir, ele nos conta sobre o trabalho gigantesco e cuidadoso que realizou para este livro.

\*

**Qual a peculiaridade dessa nova edição de *Anna Kariênina*?**

Além de apresentar o texto integral do romance, representa um esforço de transpor para o português os traços de linguagem mais marcantes do original russo.

**De que maneira foi possível transpor as minúcias do russo para o português? As edições brasileiras anteriores falharam em algum sentido?**

Dois pontos podem ser ressaltados. A repetição de palavras e de expressões e as frases longas e, por vezes, dispersivas do original. As traduções existentes (e não só para o português) primam por empregar sinônimos a fim de evitar repetições, e também por subdividir em frases menores os períodos longos e muito armados de Tolstói. Tenho a convicção de que o leitor pode ter uma ideia bem mais coesa do significado geral de um livro tão abrangente com a ajuda de uma tradução que preserve traços como esses do original.

**Sob quais aspectos o suposto moralismo de Tolstói (segundo alguns críticos literários) aparece no romance?**

Na época em que escreveu *Anna Kariênina*, entre 1873 e 1877, Tolstói ainda não havia sofrido a sua célebre crise religiosa e moral. Ela veio logo a seguir. Vale a pena observar que o personagem Liévin (tão importante quanto Anna Kariênina,

ou mais, e que representa em larga medida o próprio Tolstói) passa o livro inteiro às voltas com uma crise. Ele se interroga acerca de tudo - desde assuntos agrícolas até questões cósmicas. E chega ao fim sem encontrar resposta. O referido moralismo de Tolstói não afeta a abrangência do romance. Primeiro porque, no caso, ele se apresenta em forma de uma crise contínua, como vimos. Em segundo lugar, porque mesmo após a transformação moral de Tolstói, suas posições sempre foram ambíguas e oscilantes demais para configurarem um sistema de ideias ou uma doutrina coerente.

**Como é construída a personagem de Anna? O modo como Tolstói vê a mulher inaugura algo novo na literatura russa?**

Há um grande número e uma grande variedade de personagens femininas em *Anna Kariênina*. Desde camponesas até nobres. Anna é apresentada como uma pessoa dotada das melhores virtudes. Seu desastre -- isso fica bem claro -- decorre de um choque entre sentimentos naturais e generosos contra leis e costumes tacanhos, esmiuçados no romance até a exaustão. Impressionou-me, na parte VII, o retrato da desagregação mental em que a vida de Anna se desfaz. A meu ver, são páginas sem paralelo na literatura.

**Em breves linhas, qual é a Rússia vista por Tolstói em *Anna Kariênina*? Como ele retrata as diferentes classes existentes na sociedade tsarista?**

É um país em que parte da elite se esforça em dar curso a um processo de modernização, à luz dos modelos oferecidos pelos países da Europa ocidental. Essa modernização, porém, não consegue alcançar as massas miseráveis das vastas zonas rurais, que continuam a viver como na Idade Média. A massa de camponeses, em sua inadaptação ao mundo moderno, projeta uma imagem de estagnação, o que por vezes, em *Anna Kariênina*, sugere um forma enigmática de resistência, a qual intriga Tolstói visivelmente. A elite se divide entre o mundanismo, a predação da riqueza do Estado e algum esforço empreendedor. A par disso, percebe-se a ascensão de banqueiros e industriais e a decadência dos tradicionais senhores de terra.

**Quais as principais diferenças de seu trabalho neste livro em relação às suas traduções de outros escritores russos para a *Cosac Naify*, as obras *Pais e filhos*, de Ivan Turguêniev, e *O assassinato e outras histórias* e *A gaiivota*, de Anton Tchekhov?**

Creio que o esforço principal é sempre o de preservar o sentido das preocupações lingüísticas do original. Cada autor tem tipos diversos de preocupação, dirigem seu trabalho para um sentido ou outro. Eu tento compreender esse sentido e acompanhá-lo.

**De que modo o trabalho como ficcionista influi em suas traduções?**

Tenho dificuldade para avaliar. Os livros que traduzo, e isso é bem claro, deixam marcas em mim e, provavelmente, também no que eu escrevo. No geral, a impressão que tenho é a de que escrever um texto de minha autoria e traduzir um livro de outro idioma para o português terminam por ser uma única atividade. A

partir de pontos diferentes, as duas modalidades de trabalho convergem e se encontram - não apenas no ato concreto de pôr as letras e as palavras em seqüência, mas ainda um pouco antes disso. Quero dizer, parece haver um campo, ou um intervalo, em que traduzir é escrever e escrever é traduzir.

**Seus próximos projetos na Cosac Naify são adaptações para o português de duas obras de Górkí: *Infância* e *Minhas universidades*. Poderia comentar um pouco sobre esses títulos e a experiência de traduzi-los?**

Estou terminando agora a tradução de *Infância*, o primeiro volume da trilogia autobiográfica de Górkí, que se completa com *Ganhando meu pão* e *Minhas universidades*. Essas obras, escritas num intervalo de aproximadamente dez anos, relatam a infância, a adolescência e a juventude de Górkí, nas décadas de 1870 e 1880. Embora, em vida, Górkí tenha ganhado celebridade pelas peças de teatro e pelos contos e romances, o tempo parece ter mostrado que são as suas obras autobiográficas que lhe garantem um lugar de destaque na literatura mundial. Embora eu já conhecesse o livro *Infância*, a experiência de traduzi-lo me trouxe surpresas tão grandes que não creio exagerar ao dizer que foi como descobrir um livro novo. E mesmo no trabalho prático de tradução, me surpreendi com a impressão muito rara de ter conseguido ajustar a língua da tradução à linguagem rápida, seca, saltada da narração de Górkí, e também à fala ríspida, precária e engenhosa de muitos personagens.

## **Anexo B - O artesão desmedido**

**Boris Schnaiderman, primeiro professor de russo da USP, fala da Rússia que conheceu na infância e do trabalho de traduzir clássicos como Tolstói e Dostoiévski**

**CAIO LIUDVIK**

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Um dos maiores tradutores do país, Boris Schnaiderman completou 90 anos em 2007, assim como a Revolução Russa que o rondou de perto desde muito cedo - ele nasceu na Ucrânia, antiga república soviética, vindo ao Brasil em 1925. Schnaiderman foi o primeiro professor da cadeira de russo na USP, onde é professor emérito, e conseguiu impedir que o curso fosse fechado no contexto do regime militar; chegou a ser preso em sala de aula, como conta na entrevista a seguir.

Pioneiro na tradução direta do original para o português de clássicos como Dostoiévski, Tchêkhov e Tolstói, Schnaiderman rememora sua trajetória intelectual e fala do ofício do tradutor, de seus projetos e da polêmica em torno do possível plágio que sua tradução de "Os Irmãos Karamázov" sofreu.



***FOLHA - Que lembranças são marcantes de sua infância na Ucrânia?***

***BORIS SCHNAIDERMAN*** - Eu nasci em Uman, na Ucrânia, em maio de 1917. Quando eu tinha cerca de um ano, meus pais se transferiram para Odessa, comigo e com minha irmã, um pouco mais velha do que eu. Isso ocorreu por causa dos pogroms na Ucrânia, os massacres de judeus que estavam ocorrendo. Desde os três, quatro anos tenho impressões muito fortes daquele período tão conturbado. A primeira casa de que me lembro ficava em frente ao quartel-general da Tcheka [Comissão Extraordinária de Toda a Rússia para o Combate à Contra-Revolução e a Sabotagem] em Odessa. Era o órgão encarregado da repressão às atividades contra-revolucionárias. E as pessoas passavam por aquela calçada de cabeça baixa, encolhidas, com muito medo. Lembro, por exemplo, de quando estava num jardim-de-infância e fiquei deslocado porque as crianças ficavam em roda cantando a "Internacional" [canção socialista do século 19 usada como hino da União Soviética até 1944], e eu não sabia a letra da "Internacional". E de quando os habitantes da cidade receberam a ordem de hospedar militares do Exército Vermelho; minha mãe recebeu dois oficiais, eu ficava brincando com eles, brincando com o sabre deles, eles me davam o revólver para eu mexer. Estava indo bem quando meus pais resolveram mudar para o Brasil. Pouco antes disso eu tive a sorte de ver, sem saber do que se tratava, a filmagem do "Encouraçado Potemkin".

***FOLHA - Por que o Brasil?***

**SCHNAIDERMAN** - Não havia muita escolha na época, não é que quisessem vir para o Brasil; queriam emigrar, e migrava-se para o país onde se conseguisse visto de entrada, o que não era fácil. Meus pais conseguiram e entraram no Brasil. Eles faziam questão que eu tivesse uma profissão prática, como se dizia naquele tempo. Tornei-me engenheiro agrônomo, fui agrônomo do Ministério da Agricultura, trabalhei em Barbacena, em Minas Gerais. Mas antes disso houve um fato muito importante: fui para a guerra, no Exército brasileiro.

**FOLHA** - *Que lembranças o sr. destaca desse episódio?*

**SCHNAIDERMAN** - Eu queria ir para a guerra, achava indispensável todos lutarem contra o nazismo. Nesse período eu tinha muita raiva das posições do governo soviético, por causa do pacto germano-soviético. Fiz curso de sargento do Exército e tinha certeza de que seria convocado, como realmente fui. Passei mais de um ano na Itália, lutei no front da artilharia, que não é tão sacrificado como o da infantaria. Eu conto essa experiência no livro "Guerra em Surdina" [ed. Cosac Naify].

Foi minha única experiência em ficção, embora eu escreva muitos ensaios, e nos ensaios às vezes se intercale algo de experiência pessoal, depoimento. Tive vontade de escrever mais ficção, mas não consegui.

**FOLHA** - *E, ao voltar da guerra, como foi a transição de engenheiro a professor e pesquisador?*

**SCHNAIDERMAN** - Eu não estava muito satisfeito, fui tendo outras ocupações e acabei professor da USP. O curso de russo da USP foi iniciado em 1960, fui indicado para ser o primeiro professor desse curso.

**FOLHA** - *E pouco depois aconteceu o golpe militar...*

**SCHNAIDERMAN** - Fiquei muito revoltado com o golpe de 1964, e mais revoltado ainda à medida que os militares iam apertando o parafuso. E protestei; sempre que podia eu protestava. O resultado disso é que sofri consequências -não posso dizer que tenha sofrido muito, colegas meus sofreram muito mais-; fui detido umas cinco vezes, cheguei a ser preso em sala de aula: chegaram policiais exigindo documentos dos alunos, eu protestei e fui preso.

**FOLHA** - *Qual foi o impacto desse cenário para o curso de russo?*

**SCHNAIDERMAN** - O curso sofreu muito, era difícil importar livros da Rússia. Os militares tinham uma atitude dúbia, assim como a União Soviética em relação à ditadura do Brasil. Eles se toleravam, mas por muito tempo todos os livros tinham de passar por uma censura prévia, brutal, de gente ignorante. Mas consegui fazer com que o curso sobrevivesse, o único [de russo] que sobreviveu. Houve vários cursos fundados pouco antes do golpe de 64, houve um entusiasmo muito grande com as viagens de exploração do espaço pelos russos. Não era tanto pelo comunismo, o Partido Comunista então já estava enfraquecido.

**FOLHA - *Esse ambiente de repressão teve repercussão negativa para a difusão da cultura russa -por exemplo, atraso na tradução?***

**SCHNAIDERMAN** - Os clássicos até estão traduzidos com frequência. Mas a literatura russa é riquíssima, há muita coisa para traduzir. No século 19, Tolstói e Dostoiévski abafaram os demais escritores para o público estrangeiro. A Rússia teve grandes escritores que não estão traduzidos, ou muito pouco, e que são também de um valor universal, como Nicolau Lieskóv. Púchkin também está pouco traduzido -atualmente mais, mas não o suficiente-, e é o iniciador da literatura russa moderna.

**FOLHA - *O sr. vê um interesse crescente pelo russo no Brasil?***

**SCHNAIDERMAN** - Existe um interesse grande pelo estudo do russo, basta ver a procura que tem o curso de russo da USP. Há certas tendências no desenvolvimento da Rússia e no do Brasil que têm algumas analogias. Por exemplo, o fato de serem culturas que se desenvolveram fora dos que eram considerados os centros mais importantes. Não se podem fazer transposições muito diretas, mas há uma certa tendência.

Em um conto como "O Crocodilo", de Dostoiévski, temos a impressão de que se trata do Brasil, dos problemas da burocracia e tudo. Há certas situações de semelhança, como a penetração de um capitalismo muito violento, predatório, na Rússia e no Brasil.

**FOLHA - *Como foi a experiência de traduzir com os irmãos Haroldo e Augusto de Campos? Como a ideia de "transcrição" o influencia?***

**SCHNAIDERMAN** - Eu acho que o tradutor realmente tem que estar sempre criando na língua em que escreve. Essa noção de transcrição para mim é fundamental. Eu tinha uma certa desconfiança em relação ao concretismo quando apareceu. Eu tinha uma formação muito tradicional. Mas fiquei muito interessado pela obra do Maiakóvski, eles também, e isso acarretou uma aproximação. Eles me visitaram em 1961, e passei a trabalhar com Haroldo e Augusto. Acabamos amigos.

**FOLHA - *Quais são os projetos que o sr. tem em vista no momento?***

**SCHNAIDERMAN** - Acabo de entregar ao editor um livro que fiz com minha mulher, Jerusa Pires Ferreira, sobre o poeta russo-tchuvache moderno Guenádi Aigui [1935 -2006]. Eu era muito ligado a ele; o localizei em Moscou em 1965, nos correspondemos, depois tivemos encontros. O livro é sobre ele e com tradução de textos seus. Estou concluindo também "Tradução - Ato Desmedido".

**FOLHA - *Por que "ato desmedido"?***

**SCHNAIDERMAN** - Geralmente se pensa que a tradução é uma profissão como outra qualquer, basta a gente traduzir honestamente, como artesão, o que está no original, em bom português etc. Mas a tradução é uma obra criativa. É um ato desmedido. Traduzir é uma exorbitância: quem sou eu para traduzir

Dostoiévski? E no entanto eu tenho que traduzir Dostoiévski. Tradução tem que ser um ato ousado, corajoso, o tradutor tem de ser artista, tem de fazer violência com a linguagem. É uma profissão a princípio impossível. Mas o homem só cria algo de fato grande quando trabalha no campo do impossível, como formulou Ortega y Gasset.

***FOLHA - O sr. tem acompanhado as denúncias, publicadas pela Folha, de plágio por editoras como a Martin Claret, inclusive envolvendo uma antiga tradução sua de "Os Irmãos Karamázov"? O sr. cogita entrar com processo?***

***SCHNAIDERMAN*** - Eu acho lamentável. Acredito que alguns editores farão algo.

## Anexo C - O Senhor Dostoiévski

**Especialista na obra do escritor, Joseph Frank, professor de Princeton e Stanford, fala a Aurora Bernardini sobre a proximidade entre o Brasil e o universo do autor de "Crime e castigo"**

**AURORA F. BERNARDINI**

ESPECIAL PARA A FOLHA

Joseph Frank, professor de literatura comparada na Universidade de Princeton e de línguas e literaturas eslavas e literatura comparada na Universidade Stanford, é considerado hoje um dos maiores conhecedores de Fiódor Dostoiévski, ao estudo de cuja obra dedicou grande parte de sua vida (o professor nasceu em 1918). É autor de muitos livros, entre os quais se destacam: "Dostoiévski - As Sementes da Revolta (1821-1849)"; "Dostoiévski - Os Anos de Provação (1850-1859)"; "Dostoiévski - Os Efeitos da Libertação (1860-1865)"; "Dostoiévski - Os Anos Milagrosos (1865-1871)"; "Pelo Prisma Russo - Ensaio sobre Literatura e Cultura", todos publicados pela Edusp, que lança neste mês o último volume da série sobre o escritor russo: "Dostoiévski - O Manto do Profeta (1871-1881)". Joseph Frank teve a complacência de responder prontamente às perguntas desta entrevista, algumas delas intencionalmente "intrigantes" -como diz o emérito professor-, uma vez que suas respostas, em certos aspectos, discutem convicções de Mikhail Bakhtin (segundo o qual, por exemplo, as ideias e as consciências dos personagens de Dostoiévski são autônomas, não podendo ser levadas a um denominador ideológico comum), de filósofos como Luigi Pareyson, que está convencido de que em Dostoiévski a experiência fundamental e decisiva é a experiência do mal, de especialistas como Evel Gasperini (Universidade de Pádua), de acordo com o qual, em sua maturidade, Dostoiévski nunca teria acreditado na natureza transcendente de Cristo, dando roupagens cristãs a particulares correntes mais antigas dos povos eslavos, ou ainda de Pierre Pascal (Universidade de Paris), que pergunta: "O paraíso na terra, que Dostoiévski não define, é cristão?" Leia abaixo a entrevista:



**PERGUNTA - Como o sr. sabe, seus livros sobre Dostoiévski tiveram uma recepção muito favorável no Brasil, apesar de a leitura não ser um dos entretenimentos preferidos no país. "As Sementes da Revolta", o primeiro da série, teve sua edição esgotada logo depois da publicação. Agora que a Edusp está publicando o quinto e último volume, poderia nos dizer qual é, na sua opinião, o motivo desse sucesso?**

**JOSEPH FRANK -** Uma resposta possível sobre o sucesso de meus livros no Brasil talvez seja a fascinação mundial por Dostoiévski, cujos romances parecem ganhar importância com o passar do tempo. Muitas vezes me surpreende a extensão em que encontramos referências a seu nome e suas obras até em jornais. Os problemas que ele dramatiza, especialmente o choque entre razão e fé e os dilemas morais que surgem do desejo de transformar a sociedade como um todo, emergem de seu próprio entorno, a Rússia de meados do século 19. Mas ele tinha

certeza do que eram os problemas do mundo moderno em geral, e a contínua popularidade de seus livros parece provar que tinha razão. Outro motivo pelo qual os leitores brasileiros poderiam se interessar especialmente por suas obras é porque se concentram no choque entre a cultura européia ocidental e o que Dostoiévski considerava valores originais russos, decorrentes da tradição nativa. Pelo pouco que sei sobre a cultura brasileira (infelizmente, pouco demais), me ocorre que talvez sua própria mistura de culturas dê aos romances de Dostoiévski uma ressonância especial em seu país. Quanto ao sucesso dos meus livros, talvez seja consequência de meus esforços para situar suas obras no contexto ideológico russo a que ele reagia. Eles contêm uma boa medida da história cultural russa, que, além de seus romances, tem um grande interesse por si só.

***PERGUNTA - Seria um dos motivos o interesse de Dostoiévski pelo lado mais escuro da alma humana?***

***FRANK*** - Não tenho certeza se concordo que Dostoiévski tem um interesse especial por retratar "o lado mais escuro da alma humana". Seus personagens podem cometer crimes, mas nenhum deles é um completo vilão cujos atos não demonstrem nenhum sentimento moral ou que aprecie o mal pelo próprio mal. Pelo contrário, são invariavelmente consumidos pela culpa e pelo remorso por causa de seus erros, mesmo que tentem justificar-se com argumentos tirados das ideias de sua época.

***PERGUNTA - O sr. interpreta os "romances polifônicos" de Dostoiévski como o fim do "paternalismo" na literatura -do lado do narrador-, como afirma Bakhtin (1895-1975)?***

***FRANK*** - Eu admiro os textos de Bakhtin, mas acho que ele exagera a originalidade formal de Dostoiévski na história do romance. Por "paternalismo", suponho que esteja me perguntando se as teorias de Bakhtin marcam o fim do autor onisciente, que ele identifica com Tolstói. Mas há romancistas anteriores que também entram na consciência de seus personagens, como Jane Austen, por exemplo, e Dostoiévski é muito menos original nesse sentido do que Bakhtin o pinta. E também a ideia do "romance polifônico", de Bakhtin, que parece implicar a ausência de um autor controlador, é paradoxal.

***PERGUNTA - Se as diferentes consciências dos diversos personagens pudessem ser resumidas em um denominador comum, qual seria?***

***FRANK*** - Eu diria que um denominador comum dos personagens dos maiores romances de Dostoiévski é a luta entre uma ideologia que tenta substituir a existente, baseada na civilização judaico-cristã, e uma consciência moral moldada nos valores dessa tradição.

***PERGUNTA - No prefácio ao segundo livro da série, "Os Anos de Provação (1850 a 1859)", que recebeu o National Book Critics Award de biografia em 1984, o sr. diz que o método que escolheu foi o de "fundir biografia, crítica literária e história cultural social". Acha que, com essa abordagem, o que o sr.***

***tão bem descreveu como ideologia de Dostoiévski pode às vezes ser confundido com a interpretação que fez de alguns personagens?***

**FRANK** - Só posso esperar que esse tipo de confusão mencionado não seja o caso. Uma boa parte do gênio de Dostoiévski, na minha opinião, é sua capacidade de mostrar a fusão entre ideologia e personagem, a maneira como as ideias que um personagem aceita influenciam o nível mais profundo de seus sentimentos e seu comportamento. Por isso retratei o efeito dessas ideias nos atos dos personagens, mas também tentei esboçar a ideologia da época, independentemente da maneira como Dostoiévski a usou em seus romances.

**PERGUNTA** - ***A diferença que Dostoiévski fazia entre o "socialismo utópico", que admirava, e o "nihilismo russo", que desprezava, aparece em "Crime e castigo"?***

**FRANK** - Sim, creio que a diferença entre socialismo utópico e nihilismo russo aparece em "Crime e castigo". O personagem Lebeziátnikov, como digo em meu livro, "profere os clichês socialistas utópicos do início dos anos 1860", e Raskólnikov representa as últimas consequências do nihilismo russo como Dostoiévski as concebia.

**PERGUNTA** - ***Por que, na sua opinião, Dostoiévski se dedicava muito mais a pintar o mal do que o bem?***

**FRANK** - O objeto principal de Dostoiévski, no início dos anos 1860, era combater o que considerava os efeitos desintegradores das doutrinas do nihilismo russo. Para tanto precisava mostrar todas as suas consequências malignas. Em certo sentido, do seu ponto de vista, ele mostrava o bem, pois continuava mostrando a luta interna dos personagens contra suas próprias ideias. Também se deve ter em mente que, na única declaração de próprio punho que temos sobre suas convicções religiosas, redigida enquanto ele velava o corpo de sua primeira mulher, escreveu que "amar ao homem como a si mesmo, segundo o mandamento de Cristo, é impossível. A lei da personalidade na terra não o permite. O ego atrapalha". Era a luta contra esse ego que constituía "o bem" para Dostoiévski.

**PERGUNTA** - ***Qual era o tipo de cristianismo de Dostoiévski? Qual é o significado do sofrimento na existência humana, segundo ele?***

**FRANK** - Não tenho certeza de o que significa perguntar "qual era o tipo de cristianismo de Dostoiévski?". Ele se considerava um membro fiel da Igreja Ortodoxa Russa, cujos dogmas, deve-se lembrar, são muito mais fluidos que os da Igreja Católica Apostólica Romana.

Quanto ao significado do sofrimento na existência humana, é importante lembrar que Dostoiévski falava em "sofrimento moral", decorrente do fracasso em cumprir a lei de Cristo. Não se referia ao "sofrimento" causado pela privação material. No documento citado, ele escreveu que "o homem luta na terra por um ideal oposto à sua natureza", e esse ideal exige que sacrifique seu ego às pessoas ou a outra pessoa. Quando deixa de fazê-lo, "sofre e chama isso de pecado". Mas ele

acreditava que esse sofrimento era "compensado pela alegria celestial de cumprir a lei, isto é, pelo sacrifício".

**PERGUNTA** - *No quinto volume da série, "O Manto do Profeta", o sr. descreve o "Diário" de Dostoiévski, entre outros livros. Em setembro de 1837, Dostoiévski publicou em seu "Diário" um texto chamado "Uma Mentira é Salva por Outra Mentira", em que acrescentou um episódio inexistente ao "Dom Quixote", de Cervantes. Quixote comenta com Sancho por que criaturas como eles (os chamados "cavaleri erranti") são capazes de aniquilar exércitos inteiros: é porque a primeira mentira é salva por uma segunda mentira. Isso significa que Dostoiévski não estava absolutamente certo de suas crenças, que, não obstante, tinham de ser mantidas vivas?*

**FRANK** - Esta é a pergunta mais intrigante desta entrevista, e não há possibilidade de uma resposta inequívoca. Dostoiévski acreditava incondicionalmente em suas próprias ideias?

Tudo o que podemos dizer é que certamente conseguiu apresentar aquilo que se opunha a elas com uma força artística impressionante. Mas devemos ter em mente que o poder da convicção emocional sempre foi mais importante para Dostoiévski que a razão ou a racionalidade, e talvez estivesse defendendo essas convicções nesse artigo notável.

Certa vez ele disse que, se alguém o convencesse de que Cristo era contrário à "verdade", preferiria ficar com Cristo a ficar com "a verdade" (o que supostamente significa a verdade da razão). Seu artigo foi escrito, devemos lembrar, quando os russos sofriam perdas terríveis durante a Guerra Russo-Turca.

## Anexo D - Tradução com alma russa

O Globo Online

Página 1 de 3



### Tradução com alma russa

Com 46 livros já publicados, o professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) Paulo Bezerra vem, há cerca de dois anos, se dedicando a um projeto pioneiro: a tradução direta dos principais romances de Dostoiévski para o português. Publicado pela editora 34, o trabalho arrebatou, de saída, com "Crime e castigo" — lançado na Bienal de 2001 e perto de se esgotar a 5 edição — os prêmios Paulo Rónai e o de Melhor Tradução da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Em fins do ano passado, foi lançado "O idiota", possibilitando ao leitor brasileiro se aproximar de mais uma obra-prima da literatura universal. Bezerra formou-se tradutor pela Universidade de Lomonossov e é com pleno domínio e extrema sensibilidade que este paraibano de 63 anos transita pela língua e pela cultura da Rússia, traduzindo a alma deste povo poético e apaixonado.



Maria Verônica Aguilera  
Especial para O GLOBO

**Qual a contribuição efetiva, em sua opinião, do trabalho de tradução direta do original para a apreensão do sentido da obra de Dostoiévski pelo leitor de língua portuguesa?**

**PAULO BEZERRA:** Para apreender o sentido de uma obra, deve-se partir do princípio que ela é sobretudo arte. Quanto à questão específica da tradução direta do original, prende-se a uma série de variáveis essenciais. Em primeiro lugar, nós conhecemos os autores russos — nós, o povo brasileiro, de uma maneira geral — de uma forma esmagadora, através de tradução indireta. Essas traduções deram uma contribuição muito grande para se conhecer o universo russo. Elas só têm de ser enaltecidas. Entretanto, toda obra de arte se assenta, sobretudo, na sua linguagem. As traduções indiretas pecam, por uma questão essencial. Há na obra de Dostoiévski uma relação muito profunda entre o estado de espírito das personagens e sua linguagem. Quando as personagens estão em harmonia com seu mundo, sua linguagem é relativamente fácil, clara, fluida, relativamente, porque a linguagem de Dostoiévski nunca é fluida. Mas, na medida em que elas vão entrando em conflito com seu universo social e consigo mesmas, a linguagem fica mais complexa. Há momentos em que a personagem se torna quase que incompreensível, ou como se estivesse num labirinto. Seu raciocínio é um raciocínio labiríntico.

**Consequentemente, você tem no texto uma frase também labiríntica ...**

**BEZERRA:** Justamente. Há um labirinto na recepção da personagem e esse labirinto se reflete diretamente na qualidade da linguagem. A linguagem torna-se sinuosa, chela de evasivas, de reticências, há uma descontinuidade no fluxo do pensamento da personagem.

**De alguma forma, a epilepsia do autor teria contribuído para isso?**

**BEZERRA:** No caso específico do Michkin, protagonista de "O idiota", evidentemente, sem o conhecimento dessa capacidade excepcional de Dostoiévski para ver dentro de si mesmo, para desentranhar o seu próprio

estado doentio em determinado momento de crise, dificilmente ele teria criado quadros extraordinários como a descrição de um ataque de epilepsia.

**Por que a lacuna de 150 anos entre a produção de Dostoiévski e essas primeiras traduções diretas do russo para o português?**

**BEZERRA:** Em primeiro lugar, não existia tradutor em condição de assumir esse encargo. Boris Schnaiderman ( *professor, autor e tradutor russo que vive no Brasil desde 1923, participa do projeto e já traduziu Dostoiévski* ) foi um pioneiro e ainda é nossa expressão maior, tanto em tradução quanto em conhecimento da cultura, da literatura, da história russa. Há outras traduções, o Moacir Werneck de Castro traduziu alguma coisa, "O eterno marido", "O jogador", diretamente do russo. Mas traduzir mesmo, assumir o grande romance de Dostoiévski, até hoje, ninguém assumiu. Por uma questão de carência do nosso meio cultural, resolvi fazer uma tradução direta do grande romance de Dostoiévski.

**Encarar esse desafio...**

**BEZERRA:** Que é um desafio gigantesco. Os romances são densos, grandes, e maiores ainda são as dificuldades com que no dia-a-dia nos deparamos para traduzir. Faltou na tradução indireta uma característica essencial, que é a propriedade da linguagem, do discurso. Com essas características a que eu me referia há pouco — o estado psicológico da personagem, a desintegração do seu psiquismo — é absolutamente impossível imaginar a cópia de uma língua por outra. Desintegra-se o mundo, desintegra-se a linguagem. A linguagem se torna, muitas vezes, incompreensível, dura, áspera. Na tradução indireta, essa aspereza, essa dureza, essa sinuosidade desaparecem. Voltando à questão da propriedade da linguagem, quando ela se desintegra, a dificuldade de traduzir é muito grande. Ela adquire um ritmo próprio, meio descontínuo; uma coisa meio desconexa. Por trás de tudo isso, entretanto, há uma lógica, uma clareza muito obscura. Parece até um paradoxo falar de clareza obscura, mas é isso, e o tradutor tem que encarar e deixá-la como está no autor, evidentemente em língua portuguesa, para que o leitor brasileiro compreenda. Mas, respeitar essa sinuosidade, essa descontinuidade, é fundamental. É aí que entra a grande importância da tradução direta: a de resgatar para a língua portuguesa aquilo que o texto tem de artístico, de efetivamente estético, na sua linguagem própria.

**E aí você toca na questão do limite entre a fidelidade ao texto e a fidelidade à língua, ou seja, passar da língua de origem para a língua natal do leitor, mantendo-se fiel ao espírito da obra, ao sentido, mas de tal forma que o leitor apreenda tudo isso e entenda. Qual o limite entre fidelidade e recriação?**

**BEZERRA:** O tradutor tem de partir do princípio de que ele não pratica uma fidelidade à palavra, pratica uma fidelidade ao sentido ou aos sentidos da obra. Ele está traduzindo arte; literatura é criação e criação é arte. E arte é absolutamente incompatível com a literalidade, portanto, não existe nem pode haver tradução literal, não pode haver reprodução de sentido, o que existe é uma recriação de arte. A tradução é antes de tudo arte. Quando se recria — e o termo recriar, para a tradução, é o mais apropriado — é preciso levar em conta que o ato de traduzir é um diálogo entre culturas, entre línguas, portanto, é absolutamente impossível imaginar a cópia de uma língua por outra. Uma palavra traduzida ao pé da letra num poema pode destruí-lo. Quando traduzimos, nós criamos um lugar de semelhança, porque a tradução, num primeiro momento, opera uma dessemelhança do semelhante, ela interpreta, e quem imaginar que vai traduzir sem interpretar é melhor até não se meter a traduzir.

**Sendo a tradução um diálogo entre culturas, traduzir do russo para o português, tratando-se de uma cultura que parece tão mais distanciada da nossa, aumenta o grau de complexidade do trabalho?**

**BEZERRA:** Toda língua é a expressão de uma cultura, do imaginário de um povo. É preciso trazer o imaginário de um povo para a cultura que o está

traduzindo com recursos específicos da língua.

**É necessário que o tradutor conheça bem as duas culturas, ou também pesa a sensibilidade?**

**BEZERRA:** Sem sombra de dúvida. O tradutor que seja incapaz de sentir emoção diante de uma paisagem, será incapaz de traduzir uma paisagem da língua estrangeira para a sua própria língua. Se ele é incapaz de enxergar as cores de um pôr-do-sol, será igualmente incapaz de traduzir as cores do pôr-do-sol de outra cultura para a sua. O tradutor que for incapaz de observar a vida, o cotidiano, os conflitos entre as pessoas, será incapaz de traduzir os conflitos psicológicos de uma língua para outra.

**Do ponto de vista de língua, há palavras ou expressões que se poderiam chamar de intraduzíveis?**

**BEZERRA:** Há momentos na tradução de terríveis dificuldades. Se o problema está na língua, a dificuldade é praticamente intransponível, praticamente, mas não absolutamente; se está na linguagem, não existe intradutibilidade. Vou dar um exemplo de quase intradutibilidade. Muita gente conhece a novela de Dostoiévski "Noites brancas". A noite branca é um fenômeno típico da Rússia: entre 21 de junho e 1 de julho, em São Petersburgo, praticamente não existe noite. O russo chama isso de noite branca. Só que é um branco transparente. O termo branco, em português, não o traduz. Eu tive a oportunidade de traduzir o poema de Pasternak "A terra", e ele fala do ocaso da noite branca, o momento da madrugada em que o branco vai se tornando mais transparente. É uma nuance ... O ocaso da noite branca, para o português, ficaria uma coisa incompreensível. Então eu troquei pelo ocaso da madrugada, quando a noite deixa de ser noite — mesmo que ela esteja clara — e o dia já começa a despontar. Para mim, fica mais próximo do leitor brasileiro.

**Quais as origens dessa sua familiaridade com a cultura, a língua e a literatura russa?**

**BEZERRA:** Fui para Moscou fazer um curso de Ciências Políticas, em 63. Em lá estando, houve o golpe de 64. E virou pistão de gafeira: quem está fora não entra, quem está dentro não sai. Eu estava lá, já falava russo um pouco atropelado, mas entendia perfeitamente, me fazia entender, lia jornal direitinho. Tinha adquirido esse domínio na universidade, especificamente para fazer o curso de tradutor. No curso de tradução, acompanhei os outros cursos do currículo de letras, que lá chama-se História e Filosofia. Estudei filosofia, linguística, teoria da literatura, literatura russa. Mas o meu envolvimento com a cultura russa, além daquela coisa que nós tínhamos com o comunismo, da identidade ideológica, deu-se com o primeiro romance que li na minha vida, "Crime e castigo", em tradução indireta do francês, de Rosário Fusco, editado pela José Olympio. Fiquei fascinado com aquele mundo. Antes de ir para a universidade, lera um conto de Dostoiévski em russo, com um dicionário na mão, com muita dificuldade, mas fiquei fascinadíssimo! Depois vieram os clássicos, e foi crescendo o meu envolvimento com a literatura russa.

<http://oglobo.globo.com/oglobo/Suplementos/ProsaVerso/106356687.htm> < voltar > < top >

© Todos os direitos reservados a O Globo e Agência O Globo. Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, reescrito ou redistribuído sem prévia autorização.